

The book cover features a background of overlapping geometric shapes in various shades of green and yellow, set against a light blue grid pattern. A central white rectangular box with a double-line border contains the title and author information.

LIVRO DE POEMAS
JULIA G. CEFALI
NTE 20

QUINHENTISMO

A Santa Inês Cordeirinha linda, Como folga o povo,
Porque vossa vinda Lhe dá lume novo. Cordeirinha
santa, De Jesus querida, Vossa santa vida O Diabo
espanta. Por isso vos canta Com prazer o povo,
Porque vossa vinda Lhe dá lume novo. Nossa culpa
escura Fugirá depressa, Pois vossa cabeça Vem com
luz tão pura. Vossa formosura Honra é do povo,
Porque vossa vinda Lhe dá lume novo. Virginal cabeça,
Pela fé cortada, Com vossa chegada Já ninguém
pereça; Vinde mui depressa Ajudar o povo, Pois com
vossa vinda Lhe dais lume novo. Vós sois cordeirinha
De Jesus Fermoso; Mas o vosso Esposo Já vos fez
Rainha. Também padeirinha Sois do vosso Povo, pois
com vossa vinda, Lhe dais trigo novo. Não é de
Alentejo Este vosso trigo, Mas Jesus amigo É vosso
desejo. Morro, porque vejo Que este nosso povo Não
anda faminto Deste trigo novo. Santa Padeirinha,
Morta com cutelo, Sem nenhum farejo É vossa farinha
Ela é mezinha Com que sara o povo Que com vossa
vinda Terá trigo novo.

O pão, que amassasses Destro em vosso peito, É o
amor perfeito Com que Deus amastes. Deste vos
fartasses, Deste dais ao povo, Por que deixe o velho
Pelo trigo novo. Não se vende em praça, Este pão da
vida, Porque é comida Que se dá de graça. Oh preciosa
massa! Oh que pão tão novo Que com vossa vinda Quer
Deus dar ao povo! Oh que doce bolo Que se chama
graça! Quem sem ela passa É mui grande tolo,
Homem sem miolo Qualquer deste povo Que não é
faminto Deste pão tão novo.

<https://quinhentismo2.webnode.com/poemas/>

Pe. José de Anchieta

BARROCO

SONETO VII

Ardor em firme coração nascido! Pranto por belos
olhos derramado! Incêndio em mares de água
disfarçado! Rio de neve em fogo convertido! Tu, que
em um peito abrasas escondido, (*?) Tu, que em
ímpeto abrasas escondido, Tu, que em um rosto
corres desatado, Quando fogo em cristais aprisionado,
Quando cristal em chamas derretido. Se és fogo como
passas brandamente? Se és neve, como queimas com
porfia? Mas ai! Que andou Amor em ti prudente. Pois
para temperar a tirania, Como quis, que aqui fosse a
neve ardente, Permitiu, parecesse a chama fria.

POEMA DE GREGÓRIO DE MATOS

ARCADISMO

SE É DOCE

Se é doce no recente, ameno Estio Ver tocar-se a
manhã de etéreas flores, E, lambendo as areias e os
verdores, Mole e queixoso deslizar-se o rio; Se é doce
no inocente desafio Ouvirem-se os voláteis amadores,
Seus versos modulando e seus ardores Dentre os
aromas de pomar sombrio; Se é doce mares, céus ver
anilados Pela quadra gentil, de Amor querida, Que
esperta os corações, floreia os prados, Mais doce é
ver-te de meus ais vencida, Dar-me em teus brandos
olhos desmaiados. Morte, morte de amor, melhor que
a vida.

POEMA DE MANOEL MARIA DU BOCAGE

ROMANTISMO

SE EU MORRESSE AMANHÃ

Se eu morresse amanhã, viria ao menos Fechar meus olhos minha triste irmã, Minha mãe de saudades morreria Se eu morresse amanhã! Quanta glória pressinto em meu futuro! Que aurora de porvir e que manhã! Eu perdera chorando essas coroas Se eu morresse amanhã! Que sol! que céu azul! que doce n'alva Acorda ti natureza mais louçã! Não me batera tanto amor no peito Se eu morresse amanhã! Mas essa dor da vida que devora A ânsia de glória, o dolorido afã... A dor no peito emudecera ao menos Se eu morresse amanhã!

POEMA DE ÁLVARES AZEVEDO

REALISMO/NATURALISMO/PARNASIANISMO

SÊ

Se não puderes ser um pinheiro, no topo de uma colina, Sê um arbusto no vale mas sê O melhor arbusto à margem do regato. Sê um ramo, se não puderes ser uma árvore. Se não puderes ser um ramo, sê um pouco de relva E dá alegria a algum caminho. Se não puderes ser uma estrada, Sê apenas uma senda, Se não puderes ser o Sol, sê uma estrela. Não é pelo tamanho que terás êxito ou fracasso... Mas sê o melhor no que quer que sejas.

Douglas Malloch

SIMBOLISMO

UMA CARNIÇA

Lembra-te, meu amor, do objeto que encontramos
Numa bela manhã radiante: Na curva de um atalho,
entre calhaus e ramos, Uma carniça repugnante.

As pernas para cima, qual mulher lasciva, A
transpirar miasmas e humores, Eis que as abria
desleixada e repulsiva, O ventre prenhe de livores.

Ardia o sol naquela pútrida torpeza, Como a cozê-la
em rubra pira E para ao cêntuplo volver à Natureza
Tudo o que ali ela reunira.

E o céu olhava do alto a esplêndida carcaça Como uma
flor a se entreabrir. O fedor era tal que sobre a relva
escassa Chegaste quase a sucumbir.

Zumbiam moscas sobre o ventre e, em alvoroço, Dali
saíam negros bandos De larvas, a escorrer como um
líquido grosso Por entre esses trapos nefandos.

E tudo isso ia e vinha, ao modo de uma vaga, Ou
esguichava a borbulhar, Como se o corpo, a
estremecer de forma vaga, Vivesse a se multiplicar.

E esse mundo emitia uma bulha esquisita, Como
vento ou água corrente, Ou grãos que em rítmica
cadência alguém agita E à joeira deita novamente.

As formas fluíam como um sonho além da vista, Um
frouxo esboço em agonia, Sobre a tela esquecida, e
que conclui o artista Apenas de memória um dia.

Por trás das rochas irrequieta, uma cadela Em nós
fixava o olho zangado, Aguardando o momento de
reaver àquela Náusea carniça o seu bocado.

- Pois hás de ser como essa infâmia apodrecida, Essa
medonha corrupção, Estrela de meus olhos, sol de
minha vida, Tu, meu anjo e minha paixão!

Sim! tal serás um dia, ó deusa da beleza, Após a
benção derradeira, Quando, sob a erva e as florações
da natureza, Tornares afinal à poeira.

Então, querida, dize à carne que se arruína, Ao verme
que te beija o rosto, Que eu preservei a forma e a
substância divina De meu amor já decomposto!

CHARLES BAUDELAIRE

PRÉ-MODERNISMO

CANTO DE REGRESSO Á PÁTRIA

Minha terra tem palmares

Onde gorjeia o mar

Os passarinhos daqui

Não cantam como os de lá

Minha terra tem mais rosas

E quase que mais amores

Minha terra tem mais ouro

Minha terra tem mais terra

Ouro terra amor e rosas

Eu quero tudo de lá

Não permita Deus que eu morra

Sem que volte para lá

Não permita Deus que eu morra

Sem que volte pra São Paulo

Sem que veja a Rua 15

E o progresso de São Paulo.

Oswald de Andrade

MODERNISMO

MOÇA LINDA BEM TRATADA

Moça linda bem tratada, Três séculos de família,
Burra como uma porta: Um amor.

Grã-fino do despudor, Esporte, ignorância e sexo,
Burro como uma porta: Um coió.

Mulher gordaça, filó, De ouro por todos os poros
Burra como uma porta: Paciência...

Plutocrata sem consciência, Nada porta, terremoto
Que a porta de pobre arromba: Uma bomba.

Mário de Andrade